

PORQUE PORTUGAL NÃO SE CHAMA GALIZA?

**Alexandre Banhos
da Fundação Meendinho**

Esta é o tipo de pergunta, que a imensa maioria das pessoas nunca se fazem, nem fizeram, nem farão, pois a cousa não é assunto simples, nem é do interesse da Espanha e seu sistema escolar de nacionalização¹.

Se um perguntar na faculdade de história de USCompostela, receberia a seguinte explicação:

Porém, permitam-me que antes de dizer qual é a explicação, lembre que História como estudo/matéria, criou-se na universidade galega em 1927, na ditadura de Primo de Rivera, e foi-no após uma campanha mediática na imprensa madrilena e do sistema -na Galiza-, da necessidade de controlar os estudos de história, pois isso estava caindo em mãos “*dos da antiespanha e dos separatistas*”. Isso que se chama controlar o relato.

Na Galiza, no ano de 1923, nascera nessa universidade o Seminário de Estudos Galegos, e entre as suas funções estava o de aprofundarem no estudo da história da Galiza, além disso havia pessoal já estudando e trabalhando nesses assuntos, que encetara entre nós Vicetto no século XIX.

Desde a perspectiva castelhana, havia que pôr remédio a isso. Criou-se História na USC, com indubitável sucesso no controle, e respeito do Seminário de Estudos Galegos, a cousa também está bem controlada².

Estas instituições estão para o que estão, podem nelas se fazer trabalhos de muito interesse e de grande valor, porém serão sempre marginais a respeito da Galiza, ao estar esta inserida num projeto castelhano de nação “espanhola”.

A explicação da *universidade sob -égide e controle castelhano-*, é simples: Havia um poderoso condado, o Condado Portucalense, que tinha uns interesses diversos dos da Galiza, e esse condado

1 Portugal após 1640, ainda que deu às costas ao parceiro peninsular, adotou o esquema da visão histórica peninsular que Castela implantou.

2 A criação do Seminário de Estudos Galegos, aparece no núm. 195 d’A Nossa Terra, do primeiro de dezembro de 1923 (aniversário do levantamento de Portugal contra o submetimento dos austrias castelhanos, 1-12-1640).

Nasceu afecto a secção de Filosofia e Letras da Universidade compostelã, sendo seu presidente Dom António Cotarelo Valhedor, catedrático da universidade. Dizia A Nossa Terra: “Este seminário promete ser um centro de grande importância para o fomento e cultivo nom somente da literatura rexional, senom tamém para as ciências históricas e para o desenvolvimento da vida galega num amplo orde cultural” E foi o think tank do nacionalismo galego. O seminário de Estudos galegos foi a alma e cerna da construção de um projeto cultural nacional, e a mais grande criação do nacionalismo no campo cultural.

Era o forno onde se coziam os estatutos, os projetos de lei, as alternativas culturais, se fazia ciência onde se iniciava a construção cultural desde uma perspectiva absolutamente galega e galegoportuguesa.

O Seminário de Estudos Galegos desapareceu formalmente no verão de 1940, (por um decreto do terrorista ditador). Dos seus mebrs dous foram afuzilados e vários reprimidos e expulsos do sistema de ensino. Vários dos seus membrfos sob aquele regime de terror aderiram a ditadura, e Xesus Carro Garcia e outros dous significados membros daquele (direita galeguista ou direita que cantava as glorias do caudilho e seus crimes) engtamento que o argalhador principal foi o falangista Jesus Sanchez Cantom, quem contou con o apoio do falangista secretário geeral do CSIC (criação do franquismo inspirada no instituto musoliniano e na ideia de autarquia), José Maria Alvareda Herrera. O feito é que em novembro de 1943 criou-se o IEGPS Instituto de edestudios gallegos Padre Sarmiento) e em fevrero do ano seguinte constituíram-se formalmente a diretiva e as distintas seções que deseguido encetaram a sua atividade.... Que fazer história da Galiza como elemnto do mprojeto das espanha castelhana ou de Castela/espanha.

dos portugueses, em 1143 consolida-se como reino afastando-se do reino de Leão.

Há diversas monografias e estudos sobre Afonso Henriques, mas apuradas, veem dizer todas o que com a contundência teimada, Barroso da Fonte [afirma](#), e há muito que se conhecia: Que quando a independência de Portugal, o Condado Portucalense já não existia, era já um simples remorso, fora suprimido pelo rei da Galiza, Garcia, após a batalha do Pedroso no 1071. Nessa batalha morreu o derradeiro dos condes de Portucale, Nuno Mendes

O Condado Portucalense foi criado pelo crunhês Vimara Peres em 868, na cidade de Portuscale (Porto).

Os seus limites territoriais eram pelo norte, os da diocese de Tui com Compostela, Alhariz era fronteira do Condado, já que a Límia e toda e a bacia do Tâmega pertenciam a esse condado, logo no leste incluía da atual província do estado espanhol de Samora, as comarcas da Seabra, Carvalheda e o 70 % da de Aliste (Esse condado era um ente do reino da Galiza, e isso dá-nos já muita boa informação de por onde ia a Galiza pelo leste).

Nas lutas da Compostela de Gelmires, por arrebatá-la à Braga, cabeça religiosa da Galiza, essa condição de cabeça e o controle das dioceses e abadias, Compostela deseguida se fez com o controle da diocese do Porto, mas Braga nunca perdeu o domínio sobre a diocese de Tui, a primeira que converteu a nossa língua galega na língua de funcionamento e de documentação da diocese. (Até o século XIX bem entrado, a diocese de Tui abrangia todo o atual distrito de Viana do Castelo). -Se se fazer uma análise de como Castela/espanha foi modificando dioceses, daria para um bom tratado de glotopolítica-.

O pai de Afonso Henriques, Henrique de Borgonha, nunca ocupou o cargo de Conde de Portucale. Pois morto Raimundo de Borgonha, do que dependia, passa a ocupar papéis secundários na Terra de Campos (os famosos campos galaicos dos romanos), e recebeu o encargo de ser senhor da cidade galega de Astorga. Ocupando esse cargo faleceu.

Se ele for Conde de Portucale andaria por aí de ator bem secundário. Não há nenhum documento contemporâneo a ele que lhe outorgue a condição de Conde de "Portugale". Tudo é história construída a partir do século XIII bem avançado. (Barroso da Fonte, palestra no Ecomuseu do Barroso 2011, Montalegre).

Gelmires e a sua ambição (ibérica), colocou as traves para que o bispo Paio Mendes de Braga, usando o seu moço protegido e por ele educado Afonso Henriques, de-se lugar a que se dividisse a Galiza nuclear, e constituíssem no sul um reino que levou e guardou a nossa marca, para grande fortuna de todos os galegos e galegas, mundo afora.

Tudo começou com a pequena batalha de São Mamede, cujos contendentes não passavam de uns 250 ou 300. Por um lado estava a mãe de Afonso Henriques, Teresa (a mãe era filha ilegítima do rei Afonso VI da Galiza (leão, Castela e Toledo), e foi casada com Henrique de Borgonha com 14 anos. Igual que todas as filhas de Afonso VI, -só Urraca realmente é legítima-, chamava-se de rainha, como explica José Mattoso, catedrático de Coimbra.

Quando passa a ser parelha e logo esposa (Mattoso), de Fernando Peres de Trava, estava na casa dos 20 anos). Fernando Peres de Trava aparecia como um agente de Gelmires, frente ao bispo Paio Mendes (convertido pela igreja de Roma em santo), e Afonso Henriques (convertido pela igreja de Roma em beato), que na altura, em que sucedeu a batalha teria entre 14 e 17 anos, como idade mais provável.

A Cousa não foi muito grave, pois como Mattosso bem destaca, a sua mãe e Fernando Peres de Trava, vão ter pesença constante na corte de Afonso Henriques em Coimbra, e o Peres de Trava vai ter responsabilidades nesse novo reino.

Como se chamavam os moradores desse novo reino? Pois de uma só maneira, **galegos**. Não procurem a palavra portugueses que não aparecerá por nenhures.

No romance de Saramago, História do Cerco de Lisboa, Diz Saramago, nós os galegos conquistamos Lisboa, pois ninguém em Portugal se chamava de português. NINGUÉM. (ainda que português e galego, tem a mesma origem, os dous nomes são originarios dos calecos, -calecoi de Estrabão- da beira do Douro no Porto).

Nos documentos dos tombos portugueses aparece o sintagma de reino de Portugal, mas não aparecem portugueses.

Teixeira de Pascoaes é um galego de Amarante, nascido no paço familiar e feito doutor em Coimbra, mas sempre foi muito consciente da sua galegidade, pelo que travou um intenso relacionamento com gentes da Galiza de aquém(ou além, segundo se mire) da raia.

Ele escreveu muitissimo, na sua prosa ela bem galaica. E dentro da sua obra há não poucos artigos dedicados a natureza e formação de Portugal. Ele diz, Portugal formou-se no Alentejo, foi no Alentejo e logo na Estremadura, onde primeiro se chamou o pessoal a sim próprio de portugueses. **Foi no Alentejo e a sua raia com Castela pouco definida e de constantes batalhas onde se forjou Portugal e os Portugueses.**

No Alentejo nos fins do século XIII todo o mundo era português, no norte do Tejo, todos seguiam sendo galegos. Na Beira e no norte a condição de afirmar-se galegos continuou por bem tempo, e isso que desde os séculos XIV/XV há uma posição de estado de naturalizar a todos *de portugueses*, mas são inúmeros os documentos de Porto, Viseu, Vila Real, Braga etc etc, onde o pessoal se segue afirmando de galegos e a sua língua o galego. No museu diocesano de Viseu há um documento de século XVI bem andado, onde se aponta, nós galegos...

Bom, é bem certo que em Portugal após 1640 o termo galego tem conotações negativas, mas isso é mais um efeito da denominação castelhana e do tradicional ódio e desapareço dos castelhanos aos galegos, que foi deslocado a Portugal, e que agora seria muito longo, ainda que bem interessante de esclarecer-

Descobriu-se o Brasil, e lá migravam portugueses, afirmando-se galegos (Manuel de Nóbrega), como põe de manifesto documentos da altura, e levando a gaita de foles, o instrumento mais popular do Brasil até a Monarquia de Pedro II (E o carro galego ou português pouis é o mesmo, que no Brasil chegou ao seu máximo desenvolvimento).

Para o Brasil os galegos do estado espanhol começaram a emigrar a partir de 1860, mas como aponta Lilia Moritz Schwarcz, a grande historiadora cultural do Brasil, a fins do século XVIII começos do XIX, já era um fato consolidado no Brasil a identificação da palavra galego como branco frente aos pretos. (Estando eu em São Paulo num concerto de Uxia com Socorro Lira, a autora da canção Portugaliza; a Uxia dirigia-se ao público como galega e falando da sua língua galega. A Socorro interrompeu-na, e diz-lhe: Deixe de falar disso que ninguém entende, como é você quando fala moreno..., fale do seu português da Galiza e todos saberão qual é o assunto. A genial Uxia, já não se apeou mais do seu português da Galiza)

E no Brasil atual falas da Galiza e eles rapidamente te falam de Porto, Coimbra, Braga Viseu etc, e

os de Porto todos seguem a ser chamados de galegos em Lisboa³.

Não é até depois de 1730, que começa a grande migração da Galiza do aquém-Minho a Portugal, (antes de 1580 o intercâmbio era das classes altas que partilhavam parentescos por cima de raias políticas), e pouco a pouco, sobre todo em Lisboa, -o destino principal-, que se começa a descobrir uns galegos, que falavam português (a *galega*), e que vinham do [reino de Castela](#). Na altura era reino de Castela, Espanha não existia. Portugal após 1640 é um estado de costas viradas ao resto da península.

Braga, morto Gelmires começou com João Peculiar a recuperar a cabeça da igreja da Galiza toda, e agas Compostela e suas dependências, muito menores do que se pensa, Braga voltou a ser cabeça da igreja na Galiza. Quando a ***Doma e Castração*** do reino da Galiza, se submete a igreja à Valhadolide, isso fai-se **tirando muita competência a Braga**, mas disso estejam seguros que nada se estudará na USCompostela, nem de que o reino de Portugal, tinha uma política até 1476 de reunificação da Galiza (Oliveira Martins), e que o reino da Galiza até Afonso VIII, teve uma política de reunificação do povo galego (Fco. Rodrigues).

Afonso V de Portugal foi proclamado como rei da Galiza (1475), e isso é a isca da política terrorista castelhana de *Doma e Castração*⁴, não o apoio a rainha legítima Joana, frente a Isabel I, A Usurpadora.

Bom, e se eram galegos todos e como tal se afirmavam, porque não se chamou Galiza?

A cousa é muito simples, ainda que na USCompostela, não vaiam a esclarecé-los.

É, porque existia um reino que se chamava Galiza, (e como em aqueles anúncios de a *Prova do algodão*) reino da Galiza, que tinha na altura de cabeça a Afonso VII, e não podiam usar um mesmo título. Era o reino da Galiza o que se dividia, e numa parte continuava com um rei que levava esse título.

Se for Afonso VII o consolidador do novo espaço territorial, e Compostela e contorna ficarem fora, sapei de jeito bem seguro que nós hoje no norte, não usufruiríamos o nome de Galiza....logo passou o tempo, Castela colonizou-nos e *capou-nos* e nós somos súbditos do reino e colónia de Castela/Espanha, e os portugueses..., (Portugal e uma palavra que soma porto e galegos), não são *espanhóis*.

3 Há já bem anos, estavam numas férias de Semana Santa no Algarve, e na praia chegaram-se uns repórteres da SIC, para nos perguntar dum programa da TV, dizemos que não conhecíamos, eramos galegos. E o jornalista da SIC, respondeu: E logo nos Tras os Montes não apanham a SIC?

4 Doma e Castração da Galiza, e a guerra iniciada por Castela contra Galiza pouco após a Batalha de Toro de 1479. É uma guerra terrorista que se alonga por quase 15 anos, e rematou, com o submetimento da igreja da Galiza a Valhadolid, a proibição de validizdde aos documentos em galego, a só aceitação de escritos de tabeliões da escola de Toledo, a criação de um órgão fiscalizador e governador do reino (audiência da Crunha), por 350 anos só ocupado por castelhanos não eram aceitas para cargos na Galiza nem os galegos que assumiram a sua boa ação de cipaios, o deslocamento da nobreza galega fora da Galiza, e o banimento de qualquer representação dos galegos nas cortes de Castela; toda a representação da Galiza foi enttegu a cidade de Samora.